

A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na *internet**

José Gaston Hilgert

1. Introdução

Este texto aborda a conversação na *internet*, focalizando especificamente o chamado “bate-papo” ou “chat”¹. Nesse tipo de interação interlocutores estão em contato por um canal eletrônico, o computador. Eles sentem-se falando, mas, pelas especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, ou seja, interagem, construindo um texto "falado" por escrito. Por ser esta a natureza do tipo de texto objeto de nossa observação, explica-se a inclusão deste trabalho num livro cujos artigos todos analisam, sob algum prisma, a relação entre a língua falada e a língua escrita.

Não relacionamos aqui fala e escrita numa perspectiva dicotômica, em que se dava evidência às diferenças e semelhanças lingüísticas de textos escritos e falados, fora de seu uso em práticas sociais de produção textual. Assim, a escrita era tida como estável, sem variação, “estruturalmente elaborada, complexa, formal e abstrata”, e a fala, ao contrário, “como concreta, contextual e estruturalmente simples”, marcada pela variação (Cf. MARCUSCHI, 1997). Essa caracterização é evidentemente idealizada, pois além de não contemplar a correlação das duas modalidades entre si, considera cada uma um fenômeno monobloco, estático e homogêneo.

O nosso objetivo é discutir as estratégias de construção do texto da conversação na *internet* (daqui para frente denominada de CINT) à luz do que já se estudou e escreveu

* Este texto foi originalmente publicado em PRETI, Dino (org.). *Fala e escrita em questão*. 6. ed. (a 1ª ed. é de 2000). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2006, p. 17-55. (Vol. 4 da coleção Projetos paralelos – NURC/SP – Núcleo USP).

Segue a relação completa dos volumes dessa coleção, todos organizados por Dino Preti:

- Vol. 1. *Análise de textos orais*. 6. ed. São Paulo: FFLCH / USP, 2003.
- Vol. 2. *O discurso oral culto*. 3. ed. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2005.
- Vol.3. *Estudos de língua falada: variações e confrontos*. 2. ed. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2006.
- Vol. 4. *Fala e escrita em questão*. 3. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.
- Vol. 5. *Interação na fala e na escrita*. 2. ed. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2003.
- Vol. 6. *O léxico na língua oral e na escrita*. São Paulo: Humanitas-FFLCH/USP, 2003.
- Vol. 7. *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo: Assoc. Editorial Humanitas, 2005.
- Vol. 8. *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Assoc. Editorial Humanitas, 2006.

¹ *Chat* = conversa, em inglês.

sobre a construção da conversação face a face (dora em diante identificada por CFF). É nos limites deste contexto que nos interessa a relação escrita e fala, já que a escrita, em conjunto com outras condições de produção da CINT, vai imprimir características próprias a este tipo de interação. Portanto, mais do que contrapor fala e escrita, queremos pôr em relação dois tipos de textos conversacionais para cujas diferenças contribuem esses dois modos de realização.

Não temos o propósito de ser exaustivos em nossa abordagem. Escolhemos alguns ângulos que nos parecem mais relevantes. Inicialmente definimos teoricamente a fala e a escrita como práticas sociais geradoras de textos falados e escritos, cujas realizações prototípicas constituem os pólos de um *continuum*, no qual se situam todos os gêneros de textos produzidos. Em seguida, situamos a CINT neste *continuum*, tendo, antes, descrito brevemente o nosso objeto de observação, do ponto de vista do meio eletrônico em que ele se realiza, e delimitado o nosso campo de investigação. Finalmente, voltamo-nos ao propósito central deste trabalho: analisar, na construção da CINT, a organização da alternância de turnos e a formulação dos enunciados que os constituem.

Sabemos que o assunto em pauta é relativamente novo no contexto dos estudos da Análise da Conversação no Brasil. Por isso a nossa análise corre riscos de fazer observações superficiais ou tirar conclusões precipitadas. Esse fato, contudo, não desautoriza esta primeira aproximação ao tema. Por meio dela queremos estimular o debate para, precisamente, aprofundar questões e desvelar outras. Todas as críticas que venham contribuir nesse sentido são muito bem-vindas.

2. Escrita e fala na perspectiva de um *continuum* tipológico da produção textual

Segundo KOCH e OESTERREICHER (1994, 1990 e 1985), os termos fala e escrita são empregados em dois sentidos: num, denominam **meios** distintos de realização textual, correspondendo fala à manifestação fônica e escrita à manifestação gráfica; noutro, referem maneiras distintas de **concepção** de um texto. Um discurso acadêmico, por exemplo, embora seja um texto falado do ponto de vista de sua realização fônica, é, conceptualmente, um texto escrito. Já uma carta pessoal para um amigo íntimo, ainda que se realize por escrito, aproxima-se, conceptualmente, de um texto falado. A noção de concepção, nesta

abordagem, é definida com base (a) nas condições de comunicação do texto e (b) nas estratégias adotadas para sua formulação.

Pressupondo que qualquer texto resulta da relação entre interlocutores, um texto conceptualmente falado prototípico, ao contrário do conceptualmente escrito, se caracterizaria, do ponto de vista das condições de comunicação, por um alto **grau** de privacidade, de intimidade, de envolvimento emocional, de mútua referencialidade, de cooperação, de dialogicidade, de espontaneidade entre os interlocutores e, também, por um destacado **grau** de dependência situacional e interacional das atividades de comunicação, além de um baixo grau de concentração temática.

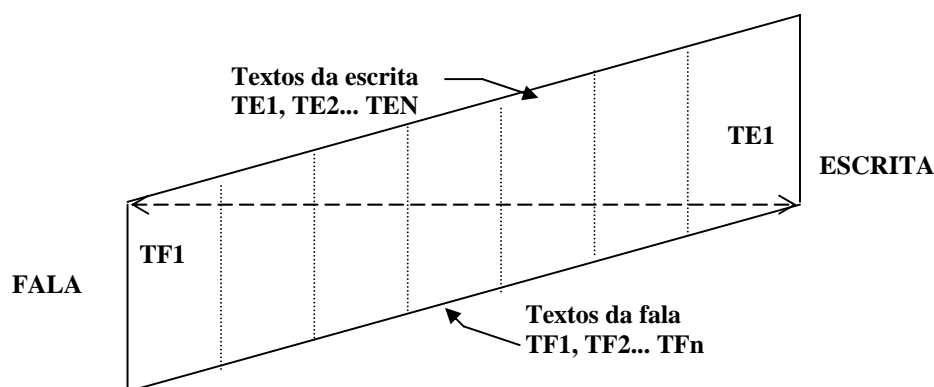
Do ponto de vista das estratégias de formulação, esse mesmo texto falado seria fortemente marcado por fatores não lingüísticos; teria pouco ou nenhum planejamento prévio, fato que lhe daria um caráter essencialmente “processual e provisório”; apresentaria uma estruturação sintática “extensiva, linear e agregativa” e uma densidade informacional diluída.

Segundo essas considerações, fala e escrita não mais referem tipos de textos dicotomicamente antagônicos, mas sim identificam gêneros de textos configurados por um conjunto de traços que os leva a serem concebidos como textos falados ou escritos em maior ou menor **grau**.

Nesse sentido entendemos também a distinção feita por MARCUSCHI (1997) entre fala e escrita de um lado, e oralidade e letramento de outro. A primeira distinção concerne a duas modalidades de uso da língua; a segunda identifica duas práticas sociais. A prática social da oralidade envolve, em diferentes contextos, o uso de textos falados que vão desde os exemplos mais prototípicos, como as conversações cotidianas, até os mais formais, inerentes à prática social da escrita. O letramento abrange o uso de textos escritos também numa gradação que vai desde uma escrita formal de um texto acadêmico até uma escrita mínima que incorpora procedimentos próprios da prática social da fala.

Tanto MARCUSCHI quanto os autores anteriores estabelecem as relações entre fala e escrita no contexto do efetivo uso lingüístico, o qual se realiza na produção de textos. Nessa perspectiva, as diferenças entre fala e escrita se concebem num *continuum* tipológico de gêneros de textos, determinado pela correlação entre as modalidades.

MARCUSCHI (1997: 136), inspirado em KOCH e OESTERREICHER (1990), representa esse *continuum* no seguinte esquema:



Nele evidenciam-se dois planos: o superior representa o *continuum* da escrita; o inferior, o da fala. TE1 representa o texto escrito prototípico, por ter caráter gráfico e por ser, em razão dos dois critérios apresentados acima (condições de comunicação e estratégias de formulação), essencialmente concebido como um texto escrito. São exemplos de TE1: textos acadêmicos, artigos científicos, textos profissionais, contratos, documentos oficiais². Na medida em que, a partir de TE1, formos observando TE2, TE3, ... TEn, continuaremos a identificar, do ponto de vista medial, textos escritos os quais vão, contudo, gradativamente assumindo características da fala, passando então à concepção de textos falados, como exemplificam, no pólo esquerdo do plano superior, os bilhetes e as cartas pessoais.

TF1, exemplificado pelas conversações em geral, representa o texto falado prototípico, por ter, do ponto de vista medial, caráter fônico e por ser concebido

² MARCUSCHI (1997: 14) apresenta, segundo o esquema acima, um rico quadro ilustrativo da distribuição de uma grande variedade de gêneros textuais. Nele, situam-se: a) no plano superior, à extrema direita, os textos acadêmicos, científicos, profissionais, contratos, documentos oficiais; à extrema esquerda, bilhetes e cartas pessoais; b) no plano inferior, à extrema esquerda, a conversação espontânea, telefônica e a pública; e à extrema direita, exposições acadêmicas e sermões.

essencialmente como falado. A partir de TF1, identificam-se sucessivamente os textos TF2, TF3, ... TF_n, todos eles falados do ponto de vista de sua realização fônica, mas gradativamente concebidos como textos escritos, fato que se explicita nos textos das exposições acadêmicas ou de sermões.

Diante dessas considerações, algumas conclusões se impõem: a) somente como formas de manifestação (fônica ou gráfica) textual, a fala e a escrita estão numa relação estritamente dicotômica; definidos, contudo, na perspectiva conceptual, os gêneros de texto, dos falados aos escritos e vice-versa, distribuem-se ao longo de um *continuum* tipológico; b) existe uma afinidade fundadora, no caso dos textos prototípicos (TE1 e TF1), entre o meio e a concepção correspondente; na medida, porém, em que houver um afastamento dos pólos prototípicos para os extremos opostos, essa afinidade, nos limites de cada plano do *continuum*, vai diminuindo até se constituir uma nova afinidade com o plano oposto; c) cada tipo de texto não se define isoladamente em seu plano horizontal, mas sim na correlação vertical dos dois planos, permitindo-nos dizer que, à extrema esquerda, localizam-se textos conceptualmente falados, mesmo que sejam medialmente escritos (os bilhetes) e, à extrema direita, situam-se textos conceptualmente escritos, ainda que medialmente falados (exposições acadêmicas); d) um movimento simultâneo nos dois planos horizontais em direção ao centro do gráfico, levará à identificação de um tipo de texto, do ponto de vista conceptual, “equilibradamente” marcado pela fala e pela escrita, como é o caso dos textos noticiosos de jornais e revistas (na escrita) e dos noticiários de televisão e rádio (na fala).

Em que ponto da escala desse *continuum* se situa o texto da CINT? Para respondermos a essa pergunta, cabe descrever mais detalhadamente este tipo de interação e como ela se instaura.

3. A configuração do objeto de análise

Na comunicação por computador, os dois recursos mais comuns entre os usuários em geral são os *e-mails* e as mensagens *on line* (conversações). Os primeiros são textos mais ou menos extensivos enviados ao endereço eletrônico do destinatário. Ficam arquivados num servidor para serem posteriormente lidos, quando o destinatário acessar o seu provedor.

Mensagens *on line* ou simplesmente mensagens (cf. MURRAY, 1989) são enunciados predominantemente lingüísticos, enviados ao destinatário que está, naquele momento preciso, ligado ao computador para as receber e, se desejar, a elas responder. É o que se chama também de comunicação em tempo real. Cada mensagem é elaborada pelo destinador e enviada somente depois de ele acionar o comando “enviar”. As mensagens não são arquivadas, perdendo-se com a interrupção da interação, se não forem salvas. Na medida em que destinador e destinatário forem alternando mensagens, respondendo um ao outro, instaura-se o que aqui denominamos de “conversação na internet”³.

Existem muitos endereços no Brasil, para acompanhar conversações na internet ou participar delas, em língua portuguesa. O UOL (www.uol.com.br) e o ZAZ (www.zaz.com.br) são dois dos mais citados. Ambos apresentam, em sua primeira página, um índice de *links* e ícones que permitem o acesso a serviços que o *site* proporciona. Clicando, no UOL, o link “bate-papo” e, no ZAZ, o “chat”, abre-se uma página que oferece basicamente dois tipos de conversação: o bate-papo com convidados e as salas de conversação.

O primeiro consiste numa conversa informal entre um grupo de pessoas presentes numa sala virtual e um convidado, que pode ser um escritor, um cantor, um artista, um publicitário ou qualquer outra personalidade. A interação tem início em hora marcada antecipadamente anunciada e é coordenada por um mediador que seleciona as perguntas a serem dirigidas ao convidado. Na medida em que as perguntas vão se sucedendo, ele responde às que lhe interessam, ficando muitas, evidentemente, sem retorno, o que acontece especialmente quando muita gente quer conversar com uma pessoa de destaque nalguma área de atuação.

O segundo tipo são as salas de conversação propriamente ditas. Organizadas de acordo com diferentes critérios, propõem conversações sobre os mais variados temas que buscam atender a diversificação de interesses do público. É o tipo de conversação que é objeto de nossa análise neste estudo.

Para entrar na sala de conversação, o interessado precisa identificar-se com seu nome, um apelido ou pseudônimo (nas conversações denominado de *nick*⁴). Para constituir

³ MURRAY (1989: 322) chama essa interação de “computer conversation”, e MEISE-KUHN (1998: 213), de “computertalk”.

⁴ Do inglês *nickname* = apelido, alcunha.

um pequeno *corpus*, entramos numa sala do ZAZ no dia 07 de junho de 1999, às 22h42min, com o *nick* de *ddd*, e, sem participar da conversação, ficamos acompanhando, com observador, durante 37 minutos, a conversação dos demais presentes na sala. Segundo o estabelecido pela organização do próprio *site*, nessa sala se falava sobre cultura.

4. A localização do texto "conversação na internet" no *continuum* tipológico

Como dissemos, a elaboração da mensagem, na CINT, acontece por escrito, por força das características do meio eletrônico usado, mas os interlocutores sentem-se numa interação falada. A percepção de fala vem especialmente explicitada nas características da própria formulação dos enunciados – tópico abordado mais adiante –, mas se manifesta também em referências metalingüísticas do tipo “bate papo”, “papo” e semelhantes:

Medusa 22:43:26 - “Alguém afim de um bate papo legal?”

Bart 22:52:46 fala com ©láudia: “É você que está falando sobre Mitologia? Se eu entrar no papo, não durmo hoje. :-)”

Os recursos que buscam traduzir manifestações exclusivas da fala⁵ do tipo cumprimento informais, alongamentos vocálicos com funções paralingüísticas várias igualmente atestam que os interlocutores se consideram falando:

Bia 22:48:16 fala com barbarella: *muitoooooo!!!!:o*

Valentine1 22:48:32: *oie!!!! :o)*

Valentine1 22:50:02 fala com bia: *biiiiiiiiiiiiiiiiinha! :o)*

Por outro lado, a consciência de que a conversação ocorre por escrito vem amiúde atestada por meio da referência metonímica “teclar”:

Allen 22:51:00 – “Boa noite! Alguém quer teclar?”

Isabel 22:55:43 – “De onde tc?”

Essas manifestações já sugerem uma primeira localização da CINT no *continuum* acima. Considerando os exemplos dados por MARCUSCHI, no plano inferior do gráfico, ela se aproximaria dos textos da conversação telefônica e, no plano superior, das cartas pessoais e dos bilhetes. Mas, ainda que estes e a CINT sejam manifestações medialmente

⁵ Em estudos sobre a língua falada alemã, aparece com frequência o termo “Gepächswörter”(= palavras da fala), cf. MEISE-KUHN 1998, p.228.

escritas, há diferenças essenciais a destacar entre ambos: a) ao contrário da CINT, a comunicação por meio do bilhete ou da carta não acontece em tempo real, ou seja, eles são escritos e destinados a alguém, que os lerá posteriormente e, havendo disposição para tanto, fará seguir a resposta; b) a carta ou o bilhete, por mais informais que sejam, ainda que marcados por sua concepção dialogal, podem ser concebidos como um todo de sentido independente, constituindo um texto em si⁶. Já na CINT, cada intervenção por escrito é um turno, cujo sentido depende inteiramente da relação com turnos anteriores e subsequentes, formando-se um todo de sentido, o texto, somente na interrelação de vários turnos; c) cartas e bilhetes são, em princípio, dirigidos somente a interlocutores conhecidos ou ao menos identificados, o que não acontece numa sala de conversação, onde ocorre uma interação pública entre pessoas desconhecidas, escondidas quase sempre atrás de apelidos⁷.

Essas diferenças determinam condições de produção próprias para a CINT, com destaque particular à alternância de turnos em tempo real: um interlocutor está escrevendo, pressionado por ter de responder a uma mensagem enviada pelo outro ou por este estar esperando uma mensagem “na outra ponta da linha”. Tal fato imprime às intervenções escritas de cada interlocutor marcas dialogais próprias da formulação do turno na CFF.

Particularmente esta última caracterização leva, então, a situar o gênero textual “conversação na internet” ainda mais à esquerda dos bilhetes, no plano superior da distribuição de MARCUSCHI. Apesar de escrita, portanto, a conversação na INT é concebida como fala, por ser essencial e intensamente dialogal⁸, desenvolvendo-se por meio da alternância de turnos. É precisamente este caráter que lhe dá o nome de conversação, bate-papo, papo, *chat*, só não a confundindo com um texto falado prototípico, por não ter realização fônica.

5. O sistema de alternância de turnos na CINT

⁶ Na verdade, o caráter dialogal das relações carta-resposta, bilhete-resposta decorre da alternância de monólogos.

⁷ Mais próximos da carta e do bilhete estariam os e-mails entre conhecidos e amigos: além de, em geral, não ocorrerem em tempo real, pois ficam arquivados no endereço do destinatário, que os lerá quando acionar o seu provedor, têm como destinatários pessoas devidamente identificadas.

⁸ HILGERT 1989, p. 52, entende por dialogicidade “a dinâmica de alternância de turnos” na interação. Quanto mais intensa for essa alternância, maior será a dialogicidade da conversação.

A alternância de turnos constitui, sem dúvida, a explicitação mais evidente do caráter interacional da CFF e seu princípio de organização básico. Entende-se por turno “aquilo que um indivíduo faz e diz, enquanto está na vez de falar”.⁹ Cada turno é um passo dado por um e outro falante, na evolução do processo conversacional.¹⁰

SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON (1974: 700) registraram as seguintes observações básicas em seqüências conversacionais:¹¹

- os falantes se alternam com freqüência;
- predomina a prática de só um dos falantes fazer uso da palavra por vez;
- são comuns os momentos em que ocorre sobreposição de falas, mas são breves;
- a absoluta maioria das transições de um turno para o próximo ocorrem sem ou, no máximo, com pequenos intervalos e sobreposições.

Com base nessas observações, elaboraram um sistema de distribuição de turnos, constituído de três regras básicas:

R1) o falante em exercício (t1) indica o próximo falante (t2), o qual tem o direito e a obrigação de tomar o turno e dar prosseguimento à conversação;

R2) o falante em exercício (t1), ao final de seu turno, não indica o próximo falante (t2), tendo, então, direito ao turno quem primeiro tomar a palavra¹²;

R3) se, no caso de (R2), ninguém se manifestar, pode, embora não necessariamente, o falante em exercício (t1) prosseguir.

A aplicação da terceira regra (R3) equivale a iniciar a reaplicação do conjunto de regras, partindo novamente da primeira. Se esta não entrar em vigor, automaticamente abre-se a oportunidade de vigência da segunda (R2). E se mais uma vez entrar em uso (R3), a seqüência de reaplicação das regras recomeça até que ocorra a transferência do turno.

Em resumo, a alocação de turno ocorre quando o falante com a palavra “a) seleciona o falante seguinte; b) permite o outro falante selecionar-se; b) continua falando.

⁹ GOFFMANN, apud HENNE e REHBOCK (1982: 22 e 23).

¹⁰ Nesse sentido é sugestiva a tradução alemã para a palavra inglesa “turn”: “Gesprächsschritt” = “passo conversacional”, acepção que enfatiza o caráter dinâmico da conversação.

¹¹ Cf. também BERGMANN (1981: 76), HENNE e REHBOCK (1995:23).

¹² Ao momento ou ao ponto provável na evolução do turno t1, em que pode ocorrer a transição para o turno t2, chamam SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON (1974: 704) “lugar de relevância de transição” (“transition-relevance place”).

Essas três possibilidades seguem nessa ordem e são recursivas” (MURRAY, 1989: 326). À luz desses princípios, observemos agora a alternância de turnos na CINT.

A pessoa que entra na sala é anunciada pelo próprio sistema (“ddd 22:42:31 entra na sala”). Uma vez nela, podem-se verificar as seguintes ocorrências:

- o recém-chegado entra e não se manifesta, acompanhando unicamente a interação dos demais;
- o recém-chegado institui-se como interlocutor, pedindo, explícita ou implicitamente, que seja interpelado por alguém:

Medusa 22:43:26 – *Alguém afim de um bate papo legal?*

C@ndy Girl 22:43:41 – *É a primeira vez que entro nesta sala.... estou só.....*

- alguém outro na sala toma a iniciativa de instituir como interlocutor o recém-chegado que ainda não se manifestou, dirigindo-lhe a palavra:

Isabel 22:43:50 fala com ddd – *de onde?*

Com sua intervenção Isabel interpela *ddd*, que havia entrado na sala às 22:42:31 sem ter se apresentado ainda.

- nos dois últimos casos, pode haver ou não correspondência na tentativa de instaurar a interlocução;
- caso não haja essa correspondência, o interessado pode abandonar a sala sem maiores explicações ou então continuar a insistir. Para esta última possibilidade, é exemplar uma seqüência de intervenções de C@ndy Girl:

(22:43:26) *É a primeira vez que entro nesta sala.... estou só.....*

(22:44:39) *(Chateada vou para um canto meditar.....)*

(22:45:17) *Farei um monólogo: Ser ou não ser.... eis a questão...*

A sua insistência lhe valeu, finalmente, a manifestação de dois interlocutores:

sil 22:45:25 - *sai daí menina!*

URSO 22:45:25 - *Take it easy, menina doce! Junte-se aos bons.*

- Caso haja correspondência, a conversação finalmente se estabelece, pois se institui o seu princípio organizacional mínimo: a troca de turnos.

Uma vez desencadeada a alternância de turnos na CINT, confrontemos agora as suas características com as observações de SCHEGLOFF, JEFFERSON E SACKS em relação a essa alternância na CFF.

a) Na CFF, “os interlocutores se alternam com frequência”. Na CINT, essa alternância ocorre com mais frequência ainda. Isso se deve a uma série de fatores, a começar com a dimensão dos turnos. São predominantemente muito curtos, sendo raros os que vão além de meia ou, no máximo, de uma linha no monitor. Além disso, são constituídos, predominantemente, por pares adjacentes¹³ pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento, os quais, por natureza, tendem à objetividade, não favorecendo divagações que poderiam se estender em turnos mais longos, o que levaria, então, à redução do grau de dialogicidade. Também o próprio contexto de produção não estimula um interlocutor a estender-se em considerações mais longas, por não saber quem é o “ouvinte”, por não tê-lo diante de si fisicamente nem mesmo pela voz (como é o caso da interação telefônica) e, em consequência, por este não lhe dar nenhum “feedback” lingüístico (*certo, concordo, sei, isso aí, de fato*), paralingüístico (*mhm, ahã*) ou extralingüístico (gestos, mímicas, sorrisos) quanto ao interesse que suas considerações estão despertando. Esses aspectos estão diretamente ligados ao fato de, na *internet*, a conversação se dar por escrito. Sabemos que, num contexto face a face, um ou outro dos interactantes, num grupo maior de conversação, se vê estimulado a manter o turno por mais tempo, na medida em que variados sinais de *feedback* (“sinais do ouvinte”, cf. MARCUSCHI 1986: 68) demonstram interesse e atenção dos ouvintes pela fala em andamento, rareando, dessa forma, a intensidade das alternâncias de turno. Nas relações face a face existe ainda uma outra situação, ausente na CINT, que pode provocar turnos mais longos: a relação assimétrica entre interlocutores. Numa roda de conversação, alguém que se manifesta mais entendido sobre o tema em pauta acaba impondo uma certa autoridade sobre os demais, que, quase inconscientemente, lhe outorgam mais tempo de fala; também do ponto de vista das relações de poder “os que estão numa posição inferior têm menos turnos e ficam mais silenciosos” (MURRAY, 1989: 336). Ora, na CINT, pelo fato de os interlocutores não se conhecerem, essas relações de poder inexistem, não havendo, portanto, também, razões para uns falarem mais do que os outros, o que imprime um caráter simétrico a esta conversação.

¹³ “Par adjacente (ou par conversacional) é uma seqüência de dois turnos que coocorrem e servem para a organização local da conversação.” (MARCUSCHI, 1986: 35).

- b) Na CFF, “predomina a prática de só um dos falantes fazer uso da palavra por vez”. Na CINT, do tipo que analisamos, falar um por vez é uma norma compulsória, por determinação do meio eletrônico em uso. Os interlocutores nem sequer acompanham, nos seus respectivos monitores, a gradativa formulação dos enunciados de seu parceiro de comunicação. O “falante” só dará a conhecer ao “ouvinte” o seu enunciado, quando, concluída a formulação, ele acionar o comando “enviar”. Neste momento o enunciado aparecerá no monitor do “ouvinte”, que saberá então que está concluído o turno de seu interlocutor e que caberá agora a ele assumir a função de “falante”. E, assim, alternadamente.
- c) Na CFF, “são comuns os momentos em que ocorre sobreposição de falas, mas são breves”. Na CINT, em decorrência do expusemos acima, essa sobreposição inexistente.
- d) Na CFF, “a absoluta maioria das transições de um turno para o próximo ocorrem sem ou, no máximo, com pequenos intervalos e sobreposições”, entendendo-se por intervalo, numa interação a dois, o período de tempo que vai do fim do turno do falante para início de formulação do turno do ouvinte. Quanto às sobreposições na CINT já vimos que elas não ocorrem de maneira nenhuma. No que respeita ao intervalo entre turnos, ele se define como o tempo decorrido entre o aparecimento, no monitor, do turno do “falante” e o do turno do “ouvinte”. Considere-se este segmento de nosso *corpus*:

Bart 22:42:59 fala com Ana: *Você é macrô?*

Sil 22:43:14 mumura para Isabel: *eu gosto de batata-frita.*

Medusa 22:43:26: *Alguém afim de um bate papo legal?*

Anônimo 22:43:26 sai da sala

Dexter 22:43:29: *Oi, oi, oi, oi, oi, oi, oi, oi*

Bart 22: 43: 36: *EU AMO Mc DONALDS! :-)*

Candy Girl 22:43:41: *É a primeira vez que eu entro nesta sala.... estou só.....*

Ana 22: 43: 43 fala com Bart: *Não...sou lacto-vegetariana. Como derivados de leite e nenhum tipo de carne.*

Entre a abordagem de Bart e a resposta de Ana passaram-se 42 segundos, ou seja, mesmo considerando o tempo que Ana levou para formular o seu enunciado, a demora entre o aparecimento de um e outro turno no monitor é longa. Considere-se mais este exemplo:

Urso 22:44:16 fala com Ana: *O sabor... A picanha sangrando no espeto... A maminha... A fraldinha... Nhammmmm! Socorro, alguém me segure senão eu vou correndo pra uma churrascaria agora!!!!*

Seguem rolando outras interações no monitor, até que Ana responde:

Ana 22:45:21 fala com URSO: *Depois que eu parei de comer, eu sinto um cheiro ruim vindo da carne. Engraçado... sinto um cheiro forte e desagradável...de carne podre mesmo!*

Desta vez a transição do turno demorou um minuto e cinco segundos, o que efetivamente é um tempo muito mais longo ainda se comparado com o que ocorreria na interação face a face.

As razões que levam ao protelamento da transição do turno não se pretende aqui discutir mais detalhadamente. Lembramos somente que, além do tempo necessário para a formulação do enunciado lingüístico, uma delas é a própria velocidade do meio. Seus limites tornam ainda lenta a transmissão de dados *on line*, obstáculo que certamente a tecnologia em breve superará. Cabe lembrar também outra razão: como na sala se encontram muitos interlocutores (não somente dois), é natural - como também acontece na CFF entre várias pessoas simultaneamente presentes - que espontaneamente surjam interações paralelas centradas em temas afins ou não ao que predomina no grupo maior¹⁴. Ora esse fato é um perene estímulo à dispersão da atenção, ao aguçamento de outros interesses, à interação com outros parceiros na sala, fatos que podem facilmente levar ao protelamento da transição de turnos ou, simplesmente, à interrupção do processo de sua alternância. Essas conseqüências são menos comuns na CFF, pois nela os interlocutores obrigam-se a uma certa etiqueta, determinada por uma prática sócio-cultural, que os leva a deferências mútuas no desdobramento conversacional. Na CINT, porém, esses compromissos entre os interlocutores não existem, particularmente pelas razões já citadas da distância física entre eles e do ocultamento de identidade.

¹⁴ O *corpus* observado revela que o tipo de conversação que analisamos se caracteriza por uma grande dispersão temática.

Em síntese, ao contrário do que acontece na CFF, na CINT, o intervalo na transição do turno é relativamente longo, durando, no mínimo, o tempo necessário para a formulação do turno e a sua transmissão.

Diante do que expusemos, tentaremos agora propor, mantendo a comparação com o que SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS estabeleceram para a CFF, um sistema de troca de turnos na CINT, sempre lembrando que estamos nos referindo apenas à alternância de turnos já desencadeada.

R1) O “falante” em exercício (t1) indica nominalmente o próximo “falante” (t2), o qual tem o direito de tomar o turno e dar prosseguimento à conversação.

Duas considerações são aqui importantes em relação à CFF. Por um lado, nesta, o sistema prevê, além do direito, a obrigação de o falante do (t2) tomar o turno. Essa obrigação parece vir determinada exatamente pelas injunções sócio-culturais que comandam, ao menos nas culturais ocidentais, as interações das pessoas em presença física. Como já se viu, não existindo essas injunções na interação pela *internet*, também desaparece a “obrigação” de o falante de (t2) tomar o turno. Por outro lado, o destinatário do turno do falante tem de ser, por determinação dos limites do meio eletrônico, nominalmente indicado, diferentemente, portanto, da CFF, em que vários recursos proporcionados pela situação face a face podem apontar o falante seguinte.

R2) O falante em exercício (t1), ao final de seu turno, aguarda que qualquer um dos presentes na sala seja o próximo “falante” (t2), tendo direito ao turno quem primeiro tomar a palavra.

Esta regra, embora determine uma auto-seleção do próximo falante entre os presentes na sala, só a possibilita depois que o falante em exercício tiver entregue o turno. Nesse sentido, tem esta regra uma diferença fundamental com a R2 da interação face a face, a qual consiste na auto-seleção que permite, como característica essencial, o assalto ao turno do falante em andamento. Essa possibilidade implica uma série de características tanto na transição do turno em si quanto nas marcas de sua formulação, ausentes na CINT, como, por exemplo:

- a existência, no turno do falante de (t1), de um “lugar relevante de transição”, constituído por hesitações, pausas alongadas não preenchidas e outros fenômenos

lingüísticos , paralingüísticos ou até extralingüísticos, que ensejam a tentativa de assalto ao turno;

- a interrupção e a sobreposição de falas, por meio das quais se revela a tentativa de assalto ao turno e a recusa em entregá-lo.

Em síntese, a transição de turnos segundo a R2, na CFF, é marcada essencialmente pela **negociação** entre os interlocutores, sendo a ausência desta a marca mais evidente das transições de turno na CINT. Esse fato revela que a negociação é um traço fundador do texto falado prototípico.

R3) se, no caso de (R2), ninguém se manifestar, pode, embora não necessariamente, o “falante”(t1) retomar o turno entregue, formulando um outro enunciado ou, na medida em que acionar novamente a tecla “enviar”, insistindo com o mesmo. Assim procedendo, retorna, à aplicação da R1.

No caso da insistência com o mesmo enunciado, dá-se origem a uma repetição, cuja fidelidade é somente possibilitada pelo recurso ao computador. Ela pode ser reiterada o número necessário de vezes, enquanto tiver alguma função comunicativa pertinente. Na CFF essa repetição seria absolutamente inviável, primeiro pelo fato de o ser humano não ser uma máquina repetidora; em segundo, porque, nesta conversação, as repetições têm necessariamente um caráter parafrástico, por constituírem retomadas que, em relação a seu enunciado-origem, sempre apresentam alguma reformulação enunciativa e, por menor que ela seja, sempre concorrem para a progressividade textual.

Fechando essas considerações sobre a organização da alternância dos turnos na CINT, cabe enfatizar que a transição de turnos é nela necessariamente marcada pelo meio (cf. MURRAY, 1989). O fato de os “falantes” não estarem numa situação face a face, de não saberem quem são seus interlocutores e de terem de traduzir seus enunciados por escrito, ainda que conceptualmente se sintam falando, imprime à transição de turnos um caráter maquinal, previsível, planejado, no sentido de que essa conversação transcorre de acordo com os limites e as possibilidades da programação de um sistema eletrônico. Mas maquinal aqui também se opõe a humano, na medida em que a transição de turnos, na conversação face a face, mais do que uma simples alternância de enunciados lingüísticos, envolve identidades e histórias humanas que geram, em situação face a face, sentidos

imprevistos, manifestados por signos não só lingüísticos, fatores todos responsáveis por uma organização conversacional bem mais complexa.

6. Aspectos da formulação lingüística na CINT

Já vimos quais são as condições de produção da conversação na INT: mesmo interagindo em tempo real, os interlocutores não se encontram face a face, não sabem com quem estão “falando” e estão limitados aos recursos de programação do computador, que os obriga a elaborar por escrito seus enunciados, ainda que se concebam falando nas interações de que fazem parte.

Já observamos também algumas conseqüências dessas condições de produção no sistema de alternância e alocação de turnos. Queremos agora identificar outras no processo de **formulação** do texto conversacional na internet. E, para darmos mais evidência a essa formulação, vamos retomar, resumidamente, as principais características da formulação da CFF.

Segundo RATH (1979:20), a noção de texto falado se confunde com próprio processo de sua construção e, no dizer ANTOS (1962: 183), nele se mantêm explícitos todos os traços de seu *status nascendi*. Na CFF, os interlocutores acompanham mutuamente, passo a passo, palavra a palavra, expressão a expressão, o processo de construção dos enunciados, com todos os seus desvios, interrupções, reinícios, hesitações, repetições, correções. Todos esses procedimentos são parte integrante do texto conversacional. Nada, no processo de sua construção, se apaga.

Para GÜLICH (1994)¹⁵ a formulação do texto conversacional é um “trabalho”¹⁶ que se realiza por meio de dois tipos de atividades: “a **verbalização** de conteúdos cognitivos” e “o **tratamento** de enunciados lingüísticos já produzidos”. A primeira consiste em dar forma lingüística ao que o falante quer transmitir ao ouvinte; a segunda denomina todas as reformulações, avaliações e comentários de enunciados ou segmentos de enunciados anteriormente verbalizados. As atividades de verbalização e de tratamento podem ser abordadas sob dois pontos de vista diferentes: a) elas podem ser identificadas como

¹⁵ Cf. também em GÜLICH e KOTSCHI, 1986; GÜLICH e KOTSCHI, 1995; GÜLICH e KOTSCHI, 1996.

¹⁶ A formulação também é concebida como trabalho em BLANCHE-BENVENISTE, 1990: 25ss.

atividades distintas, na medida em que um enunciado só pode receber um tratamento se ele já tiver sido verbalizado, constituindo, então, essas atividades, fases sucessivas no processo da formulação; b) as atividades de tratamento se confundem com as de verbalização, na medida em que toda atividade de tratamento será sempre o resultado de uma verbalização.

Em qualquer um dos casos, enfatiza GÜLICH, dois enfoques convergem sempre na análise das atividades de formulação: elas precisam ser vistas, ao mesmo tempo, como **processo** e como **interação**. A primeira perspectiva focaliza o caráter decursivo da conversação, o qual permite distinguir diferentes fases em sua construção; a segunda põe em evidência o fato de que “a produção de enunciados acontece na interação e por meio da interação”.

O fluxo da formulação textual, como já se pode deduzir da classificação acima, não acontece de forma fluente e continuada. As discontinuidades são frequentes. Consistem em interrupções do fluxo formulativo atribuídas ao fato de o falante não encontrar uma alternativa de formulação imediata e definitiva, o que caracteriza, segundo ANTOS (1982:160), um “problema de formulação”. SCHEGLOFF, JEFFERSON e SACKS (1977:362) lembram que cada elemento lingüístico pode ser considerado uma “fonte de problemas” (“trouble source”). Para eles um problema não só se identifica na ocorrência de “erros” e “falhas” na formulação, mas também na procura de uma palavra adequada, manifesta em hesitações e outros fenômenos. Podem também ser considerados problemas enunciados incompreensíveis ou de difícil compreensão que levam o falante, por iniciativa própria, ou de seu interlocutor, a reformular esses enunciados a fim de lhes garantir a compreensão (cf. HILGERT, 1993:108).

Formular a conversação consiste então em buscar alternativas de solução para esses problemas, o que, segundo GÜLICH, pode exigir dos interlocutores significativos esforços - daí a concepção de formulação como trabalho - que deixam os seus vestígios, as suas pegadas no texto conversacional. São esses vestígios que constituem os elementos para a análise da construção da conversação.

São por demais conhecidas as marcas que apontam para os problemas da **verbalização**: pausas preenchidas ou não, hesitações, alongamentos, interrupções de diferentes naturezas, reinícios, anacolutos. Manifestam-se particularmente em momentos de

seleção lexical, no “trabalho de denominação” (cf. BLANCHE-BENVENISTE, 1990: 25), como revela este segmento:

*“antigamente... o vestibular era diferente... nós estuda/
fazíamos... doze cad/
doze matérias... e
dividíamos geralmente fazendo quatro matérias para o
por ano*
(HILGERT, 1997: 193)

Freqüentemente, no trabalho de denominação, se evidencia o caráter interacional da formulação, na medida em que o ouvinte participa ativamente da procura de um nome adequado ou até colabora na estruturação sintática do enunciado.

*L2- é... é a moda... antigamente era:: ... conjuntura... agora é infra-estrutura e
poluição ((risos))
L1- exatamente... saneamento
L2- saneamento...
L1- poluição... e outras coisas mais...*
(CASTILHO e PRETI, 1987: 66)

*L1- o o a casimira era chique... o brim era para a classe mais modesta mais
pobre... e:: ...
[
L2- para os operários (né?) ()*
(Idem, 1987: 221)

Neste último exemplo, registra-se, no dizer WAHMHOFF(1981: 104), o fenômeno da “solidariedade sintática”, à medida que L2, com o segmento “para os operários”, dá seqüência à estrutura sintática do enunciado de L1.

As atividades de **tratamento** têm natureza reformuladora ou função metalingüística retrospectiva. As reformulações mais comuns são as repetições, as paráfrases e as correções. Elas se identificam, em geral, dentro de uma estrutura relacional de três elementos: o enunciado-origem (a ser repetido, parafrazeado ou corrigido); o enunciado reformulador (da repetição, paráfrase e correção); um marcador (verbal ou paraverbal), geralmente antecedendo o enunciado reformulador ou integrado a este:¹⁷

*Os que não têm condições maiores de aptidão eles
(EO) passam a fazer biscates
(P) ficam assim fazendo ou:: uma sub-empregada de um trabalho*

¹⁷ São muito comuns os marcadores verbais para as paráfrases e as correções; já para as repetições predominam os de caráter paraverbal.

*fazendo as coisas assim mais leves
ou que não tenham assim tanta
significação...*

(HILGERT, 1997: 67)

EO é o enunciado-origem e P a paráfrase, que se desdobra, na verdade, numa verdadeira cadeia parafrástica, sendo cada passo assinalado pelo marcador “assim”, que, além de anunciar ao interlocutor uma reformulação, identifica a natureza dela.

A mesma estrutura tricotômica pode-se observar na correção:

Acho que vai muito da:: da... da higiene nessa parte aí... relacionada com o cabelo... procurando assistência com um técnico ou com uma técnica que entende do assunto... e de:: de uma orientação como utilizar... meios pra que se... previna a cárie... a cárie desculpe ((risos)) a:: a:: queda do cabelo... calvície... precocemente... e assim procura-se mantê-lo...

(HILGERT, 1997: 77-78)

Todo o segmento em destaque (mesmo a segunda ocorrência de “cárie”, dita de forma rápida e em tom mais baixo, como quem se deu conta do equívoco) é o marcador que anuncia a correção de “a cárie” para “a:: a:: queda do cabelo”.

Nas atividades de correção e paráfrase, predominam as autocorreções e as autoparáfrases. Contudo, muitas delas são desencadeadas por iniciativa do ouvinte. Outras, além de desencadeadas, são realizadas por este, gerando heteroparáfrases e heterocorreções. Essas possibilidades todas acentuam a natureza interativa das atividades de tratamento.

Finalmente, cabe ainda fazer uma referência aos comentários e as avaliações, genericamente denominados por GÜLICH e KOTSCHI (1995) de “procedimentos de qualificação”. São enunciados conversacionais de natureza metalingüística ou metadiscursiva formulados “para avaliar ou comentar expressões ou seqüências de expressões” usadas no desenvolvimento do discurso, destacando, dessa forma, problemas de verbalização ou de comunicação (cf. Idem: 51). Nestes dois trechos identificam-se atividades qualificadoras:

Inf. Nós temos a nossa... nossa antiga capital que é uma cidade maravilhosa mesmo... encantadora com praias belíssimas com serra na própria cidade... lá pela Tijuca para Santa Teresa, mas... assim nesses comentários assim um pouco rápidos há outros outras coisas também... impressionantes e:: encantadoras? (HILGERT 1997, p. 10).

Inf. Eu tenho impressão que se para o homem é é horrível para a mulher então ia ser muito pior acho que isso é uma profissão que para mulher aí não... já era né? como se diz na gíria não dá eu acho... e essas são outras profissões que fisicamente a mulher não tenha condições de enfrentar não é? (HILGERT 1997, p. 10).

Os segmentos sublinhados constituem as atividades qualificadoras, consistindo, respectivamente, numa avaliação e num comentário sobre elementos anteriormente inseridos no processo de formulação. No primeiro caso é objeto de qualificação um conjunto de informações anteriores; no segundo, a expressão “já era”. Nem sempre, é verdade, o segmento avaliado e a avaliação ou o comentário aparecem de forma tão explícita. Às vezes um ou outro ficam implícitos no contexto ou a qualificação simplesmente se realiza por formulações estereotipadas do tipo “digamos”, “assim dizendo”, “assim”, “é o que se chama/denomina”, “entre aspas”, etc.

Por esses exemplos, fica evidente que as atividades de qualificação apresentam, ao menos como caráter geral, um estrutura relacional **dicotômica**: a) um enunciado-origem ou segmento avaliado ou comentado; b) a avaliação ou comentário. Distinguem-se, portanto, sob esse ponto de vista, das atividades de tratamento, cuja estrutura relacional identificamos como **tricotômica**.

À luz dessas características da formulação da CFF, consideremos agora a CINT, tentando identificar peculiaridades no processo de formulação desta.

Em primeiro lugar, é óbvio, estão ausentes da formulação da conversação na INT os vestígios de verbalização intrinsecamente ligados ao caráter fônico da fala, como é o caso da velocidade, das nuanças entonacionais, dos elementos paraverbais do tipo *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn* indicadores de hesitações e sustentadores de pausas.

Os alongamentos vocálicos, tão freqüentes na CFF, - muitas vezes também com o objetivo de sustentar pausas, ganhar tempo na seleção lexical ou simplesmente não perder o turno -, aparecem na CINT, mas são bem mais raros e restringem-se a funções interjectivas enfáticas:

Bia 22:52:43 fala com URSO: *ahhh q pena! o q há de diferente?*

Valentine1 22:52:09 fala com bell: *oi bellllllll! :o)*

Bia 22:48:18 fala com barbarella: *muitoooooo!!!! :o)*

Valentine1 22:50:02 fala com bia: *biiiiiiiiiiiiinha! :o)*

Não há representações gráficas precisas e regulares que possam ser identificadas como traduções de eventuais pausas. Às vezes, com base no sentido contextual do enunciado, tem-se a impressão de que o “falante” quer traduzir uma pausa por meio de uma seqüência de três pontos, como vem sublinhado nestes segmentos:

URSO 23:09:10 fala com GUARÁ II: *Já o javali... Parece com porco, mas é diferente... Não sei explicar... é bom!*

Ana 23:06:07 fala com antonio: *Pois é...fica difícil pra mim discutir com alguém que desconhece metafísica...*

No entanto, não é essa a função preponderante das seqüências de pontos (em geral três ou mais). O que elas revelam mesmo é a consciência da segmentação sintática na construção do enunciado. Elas substituem, o que, num texto prototipicamente escrito, seria representado por um ponto ou ponto-e-vírgula, em final de período; por uma vírgula, na demarcação de um adjunto adverbial ou de elementos coordenados. Isso fica muito evidente no penúltimo exemplo acima e neste a seguir:

Ana 23:05:25 fala com GUARÁ II: *Como sim....de vez em quando....eu não sou nenhuma neurótica ou radical. Eu simplesmente detesto comer carne. N me faz falta nenhuma. Como aquilo que eu gosto e que me faz bem.....adoro sorvete....chocolate....mas sem exagero né?*

A primeira seqüência poderia ser substituída por uma vírgula; a segunda e a terceira por um ponto; as duas últimas por vírgulas.

Essa prática de não usar a pontuação da língua escrita na marcação sintática dos enunciados na CINT é mais um recurso para efetivamente imprimir um caráter “falado” ao compulsoriamente escrito. Como muitos usos dos sinais de pontuação na escrita são uma representação gráfica de um fenômeno fônico (entoação ou pausa), a pontuação alternativa da CINT acaba se tornando uma forma de “re-oralização”, isto é, uma tentativa de retorno ao oral (cf. MEISE-KUHN, 1998: 234). Enquadram-se nesta perspectiva, aliás, todas as iniciativas, por vezes criativas, dos “falantes” em imprimirem, ao que compulsoriamente tem de ser escrito, traços próprios da fugacidade e da imediatez da fala e das coerções de uma interação face a face.

Sobre pontuação cabe ainda registrar o verdadeiro abuso dos pontos de interrogação e de exclamação. Em segmentos como estes,

Bell 22:51:53 fala com @láudia: *Oi....voltou pra ficar?????*

Valentine1 22:55:45: *mas amiga, vc deu boa noite e saiu direto!!!! Mandei a msg e vc já tinha saído!!!!*

um só de cada um dos sinais daria conta respectivamente do sentido interrogativo e exclamativo do enunciado. O que se acresce além deste só se explica como tentativa de evocar impressões da interação face a face, dificilmente traduzíveis por escrito. É outra manifestação da re-oralização.

Na conversação na INT os interlocutores não acompanham, passo a passo, a mútua construção do enunciado. Como já vimos, o “ouvinte” só vai ter acesso ao turno do “falante”, quando o texto que o traduz aparecer concluído no monitor. Este fato vai afetar explicitamente o caráter interativo da formulação na CINT. Não vão aparecer manifestações de colaboração do “ouvinte” na construção dos enunciados do “falante”, nem no “trabalho de denominação” e seleção sintática, nem nas iniciativas de “solidariedade sintática”. Pela mesma razão, o “falante” fica também privado de uma série de outras manifestações de natureza não lingüística do “ouvinte” que, na CFF, acabam sendo decisivas nos rumos da formulação.

Por esse mesmo motivo, fica-se igualmente sem saber se o enunciado de um “falante” que aparece no monitor foi formulado fluentemente, isto é, num único impulso de formulação, ou se houve “problemas” que o levaram, por exemplo, a demorar na seleção lexical, a apagar (deletar), corrigir e reescrever certos segmentos ou a reordenar outros. Em síntese, duas hipóteses se põem: a) o texto em evidência é fruto de um primeiro e único impulso de formulação, decorrente, portanto de um processo sem “problemas”; b) ele é um texto-produto, do qual se apagaram os vestígios das atividades de verbalização, de tratamento ou até de qualificação, solucionadoras dos “problemas”.

Objetivamente, com base nos dados observados, nenhuma das hipóteses pode ser confirmada de forma absoluta. Mas neles há elementos que autorizam algumas conjecturas. Vem em favor da hipótese (a) o fato de que a absoluta maioria dos turnos não ocupar mais de meia linha de texto. São falas em pares adjacentes como pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, ou apresentações pessoais, tentativas de contato, breves comentários, esclarecimentos, manifestações de espanto (expressões interjectivas), como mostram os exemplos:

Anônimo 22:59:52: *Alguém por acaso.....tem notícias da Dana?..... (a dos anjos)*

URSO 23:00:21 fala com Anônimo: *Ela esteve aqui ontem...*

Sil 22:57:30 fala com Neo: *oi! como vai?*

Neo 22:58:01 fala com sil: *Tube bem... e vc???*

Diadorim 23:00:04: *Boa noite a todos!*

Neo 22:57:02: *Oi algue'm afim de TC???*

Sebulba 23:04:32 fala com ANAKIN: *Na próxima corrida eu te pego!*

Estruturas com essas características, traduzidas por frases nominais ou por períodos de uma ou, no máximo de duas orações, não desenvolvendo uma idéia que exigiria uma formulação, se não mais complexa, ao menos mais longa, foram certamente construídas num único impulso formulativo, isto é, sem ter havido reformulações em sua construção.

Turnos mais longos, porém, com um processo de construção mais complexo, oferecem um contexto mais propício ao surgimento de “problemas” de formulação. Vejam-se estes exemplos:

Antonio 22:47:51 fala com Ana: *Peraí..... a definição de hommo sapiens tá ligada ao consumo de proteína animal.... os principais instrumentos paleolíticos são de caça ou pesca..... se dqui pra frente a gente pode experimentar viver sem proteína animal é um papo (com certeza não dá.....)..... mas a origem da espécie tá ligada ao consumo de protína animal.... sem dúvida vc não existiria sem os bifes primordiais....*

Ana 22:50:17 fala com antonio: *Mas e antes da era paleolítica? A ciência tem registro? Pois eu já li vários metafísicos pesquisadores que dizem que a humanidade já foi mais pacífica e vegetariana. Saiba que de acordo com eles, o nosso canibalismo está associado ao espírito bélico, que na era paleolítica já era latente!!! EU creio nisso... vc não precisa crer...*

Em relação a estes exemplos não se pode asseverar com tanta segurança que tenham sido construídos num único impulso. Em sua complexidade formulativa, é provável que, em algum momento, tenha havido recuos para reformulações. Na “fala” de Antonio, contudo, esta probabilidade parece menor do que na de Ana. Com efeito, se o primeiro

estivesse efetivamente atento ao registro escrito de sua “fala”, teria reformulado problemas de digitação como “dqui”, “protéina”, “protína”. Isso atesta, portanto, a favor de uma formulação fluente. Já a “fala” de Ana está impecavelmente escrita, o que permite duas conclusões: ou a “falante” tem singular fluência na expressão de seu pensamento por escrito ou o seu texto é produto em que os vestígios da solução dos problemas de formulação foram apagados.

Se procedimentos de correção são raramente detectados nos limites da construção de um turno, eles, contudo, ainda que não com frequência, são encontrados de um turno para outro. Vejam-se estes exemplos:

[Luci@n@](#) 23:05:47 fala com Ana: *Olha, acho que vc tem razão no caso das homeopantias..mas acredito na cura com revas tb..*

[Luci@n@](#) 23:06:25 fala com Ana: *Desculpe, eu disse ervas!*

Ana 23:06:07 fala com antonio: *Pois é.... fica difícil pra mim discutir com alguém que desconhece metafísica... e que mesmo assim critica.*

Ana 23:06:44 fala com antonio: *Perdão... era “pra eu discutir”...*

Diotima 23:09:10 fala com Sebulba: *Acho que sim. Que tipo de cinema você gosta?*

Diotima 23:10:13 sorri para Sebulba: *Desculpe a repetição. Esta máquina mortífera é que faz isso...*

No primeiro exemplo, ocorre a correção de um equívoco de digitação, do qual a “falante” só se deu conta depois de enviar o texto ao interlocutor. No segundo, corrige-se um erro de uso do padrão culto da língua. Em ambos os casos fica evidente que, se os falantes tivessem-se dado conta dessas incorreções enquanto estavam formulando o turno, teriam feito a reformulação logo, e o “ouvinte” não teria percebido nenhum vestígio dela.

No último exemplo, o “erro” de que Diotima se desculpa decorre de um movimento equivocado no uso do computador, consistindo, provavelmente, no acionamento involuntário da tecla “enviar”, que acabou remetendo mais uma vez o enunciado anterior.

Resumindo, a correção não tem razão de se manifestar na CINT, salvo em casos em que ela vá ser feita, por alguma razão, num turno futuro do mesmo (autocorreção) ou de outro (heterocorreção) “falante”, quando, então, o procedimento se tornará explícito. Sendo

a função da correção anular, total ou parcialmente, o anteriormente dito, a formulação escrita pelo computador permite essa anulação pelo efetivo apagamento. Aliás, nem mesmo num texto de CFF se manifestariam correções, se fosse possível “apagá-las” por outro recurso que não por um enunciado corretivo.

Paráfrases são também raras, no *corpus* que analisamos, em princípio pela mesma razão da curta dimensão dos enunciados e da sua função comunicativa já comentadas acima. Encontramos estas:

Bart 22:49:01 fala com Bia: *Mas Hesse já foi [muito] lido. [Muito mesmo]. Está sendo redescoberto. :-)*

Ana 22:55:18 fala com antonio: *[Nesse caso, sugiro que nossa discussão pare por aqui], porque eu já li muito a respeito de astrologia, numerologia, sobre povos antigos (essênios, caldeus), e tenho grande fé na mnetafísica. Acho que se a humanidade fosse mais intuitiva, tantas aberrações (como canibalismo) não estariam acontecendo. Já que vc só tem fé na ciência ortodoxa do homem (que vive se contradizendo), [então creio que nada temos a discutir!]*

Na verdade, o parafraseamento, embora tenha igualmente um caráter de tratamento como a correção, reformula não para anular enunciados antecedentes, mas sim para avançar na construção do texto, com a finalidade de explicar, explicitar, precisar, especificar, exemplificar, denominar, resumir. Ora, paráfrases com tais funções não ocorrem somente em textos falados, mas são também comuns em textos prototipicamente escritos, o que as torna, portanto, plenamente viáveis na CINT.

As repetições cujas funções, na CFF, são essencialmente identificadas na modulação fônica da fala e na sua vinculação às manifestações mímico-gestuais da interação face a face evidentemente não ocorrem na CINT. Todas as demais, porém, podem ocorrer. Como exemplo, veja-se a fala de Bart que acima transcrevemos para a paráfrase. Sob um ponto de vista conceitual mais amplo, ela – aliás, como toda paráfrase - poderia ser considerada uma espécie de repetição.

Há ainda um tipo de repetição que se manifesta na reapresentação absolutamente idêntica de um enunciado num ou mais turnos subseqüentes, com o intuito de levar a algum “ouvinte” se manifestar.

GUARÁ II 23:11:31: *Galera alguém já ouviu algum comentario sobreo filme”DE OLHOS BEM FECHADOS” com TOM CRUISE e NICOLE KIDMAN? E alguém poderia me recomendar algum filme do diretor STANLEY KUBRICK?*

Como ninguém se manifestou, o “falante” volta a reapresentar o mesmíssimo enunciado, até que:

Bial 23;12:22 fala com GUARÁ II: *bem, la vamos nós! qq filme do kubrick a q vc assistir, vc sai ganhando. garanto!!!!*

Diotima 23:12:31 fala com GUARÁ II: *Eu recomendo “Laranja Mecânica”. É ótimo!!*

Esta repetição está diretamente vinculada às possibilidades do recurso eletrônico por meio do qual acontece a interação, e a sua ocorrência é relativamente freqüente pelo fato de ela não mais exigir nenhum trabalho de formulação. Basta acionar novamente o comando “enviar”, e ela retorna ao monitor dos presentes na sala.

Quanto às atividades de qualificação discursiva (comentários e avaliações metalingüísticas) na CINT, vale considerar o mesmo já constatado para as paráfrases e repetições. As que podem ocorrer em qualquer texto escrito também têm a possibilidade de se manifestar na CINT. Nos dados que observamos nenhuma apareceu.

Finalmente, cabem ainda algumas considerações sobre o léxico e a estrutura sintática dos enunciados na CINT. Pelo fato de a maioria das interações terem a natureza de pares adjacentes pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento, predominam as expressões interjectivas ou nominais (“*qual msg*”??”, “*oi bart!*”, “*Boa noite!*”, “*oi! como vai?*”, “*Tudo bem... e vc???*”, “*ah q pena, né?*”). Quando os períodos se estruturam em torno de um verbo, em geral ficam nos limites de uma única oração. E quando se estendem em duas ou mais, a relação entre elas é paratáxica, como mostram estes exemplos:

E aí, já se integrou?

Acho que você está ocupado....

Mas Hesse já foi muito lido. Muito mesmo. Está sendo redescoberto.

Mas até a batata deles tem gosto de plástico, eca!

Em turnos mais longos, também predominam as relações de coordenação. As raras relações hipotáxicas manifestam-se predominantemente em orações subordinadas adjetivas e substantivas, como mostra este segmento:

Mas e antes da era paleolítica? A ciência tem registro? Pois eu já li vários metafísicos pesquisadores que dizem que a humanidade já foi mais pacífica e vegetariana. Saiba que de acordo com eles, o nosso canibalismo está associado do espírito bélico, que na era paleolítica já era latente!!!! EU creio nisso... vc não precisa crer...

Aqui cabe lembrar a consciência sintática dos falantes na construção dos enunciados, na medida em que demarcam as fronteiras de constituintes das frases por seqüências de pontos, conforme já exemplificamos acima.

Registre-se ainda o fenômeno recorrente do apagamento de uma série de constituintes da oração: o sujeito, a cópula, o verbo, determinantes e outros.

“Qual msg???”

“de onde” (Isabel dirigindo-se a ddd, que ainda não se havia manifestado na sala)

“Eu” (Dexter “murmurando” para Medusa, em resposta a sua pergunta: “Alguém afim de um papo legal?”)

“Eu não...” (Ana manifestando a Bart que não gostou dos nomes “Ma Che Bello” e “Ma Che buono” como denominações alternativas ao BigMac.)

É claro que esses apagamentos em nada comprometem a compreensão dos enunciados, uma vez que ela decorre da relação entre os turnos.

Em síntese, essas características apontadas também marcam a sintaxe dos enunciados da CFF, o que efetivamente descaracteriza a CINT como um texto escrito e a aproxima das especificidades da conversação informal, condicionada especialmente pela alternância de turnos em tempo real.

No que respeita ao léxico, quatro aspectos destacam-se nitidamente na CINT: a forte incidência das palavras e expressões típicas da fala; palavras e expressões que vão do registro coloquial da fala às gírias; o fenômeno do “flaming”¹⁸; e as formas abreviadas.

Aos recursos típicos da fala, em situação face a face, já fizemos alusão acima¹⁹. Traduzem-se em formas onomatopaicas, de cumprimento, de ênfase, de interpelação interrogativa e exclamativa e similares como estas: “*Nhammmmmmm*”, “*snniiffff*”, “*olá Bartô! :o tudo bem?*”, “*Socorro!*”, “*biiiiiiiiiiiiinha!*”, “*Kd??kd?? (=cadê?)*”, “*ahhhh tá!!*”, “*psiu...*”, “*poxa, fui abandonada, buá, buá, buá!!!!!!!*”

¹⁸ Cf. Kiesler, Siegel & McGuire (1984), apud MURRAY (1988: 364). A palavra deriva-se do inglês *flame* = arder, queimar, luzir.

¹⁹ Cf. nota 10.

O registro coloquial e as gírias estão também fartamente representadas:

Sil22:45:25 fala com [C@ndy](#) Girl: *sai daí menina!*

Bart 23:12:17 fala com Dexter: *Então pára de me encher, fio. Não mande mais mensagens. Oh, tranqueira!*

Kelly 23:18:01: *o que tá rolando de bom por aqui?*

Sesbulba 23:19:16 fala com ANAKIN: *Depende! Na minha opinião, quem achou o filme ruim, pq não entendeu xongas!*

Com essas considerações fica evidente a flagrante informalidade da linguagem na CINT. O fato de serem os interlocutores de uma sala desconhecidos entre si pressuporia um certo grau de formalidade (uma linguagem mais elaborada), ao menos nas primeiras abordagens, como costuma acontecer na conversação telefônica ou mesmo nas interações face a face, somente se instalando a informalidade na proporção em que os interlocutores vão-se aproximando, se identificando, enfim, se conhecendo. Não é o que ocorre na CINT. Os interlocutores, em vez de irem aos poucos expondo suas faces, escondem-nas por meio de apelidos e pseudônimos. E assim escondidos, sem correrem o risco de “perderem a sua face”, libertam-se de todas as normas sócio-culturais que costumam comandar as relações humanas por meio do uso da linguagem e interação de maneira pretensamente íntima, descambando até para intervenções gratuitamente chulas. É a estas intervenções que os autores referidos na nota acima chamam de “flaming”.

Não cabe aqui entrar em detalhes sobre as razões desse fenômeno. Mas uma delas com certeza é o fato de os interlocutores poderem se manifestar sem nenhum receio de serem identificados. MURRAY (1989: 364) também atribui o fenômeno à falta de normas estabelecidas para a interação na *internet* e refere-se a entrevistados de suas pesquisas que afirmam ser o “flaming” um sinal de inexperiência, de imaturidade e de falta de profissionalismo no uso do computador. Psicólogos talvez pudessem opinar com mais propriedade sobre esse assunto.

Ainda considerando aspectos do léxico, uma das marcas mais evidentes de uma CINT são as abreviaturas. Não consistem numa parte da palavra, mas sim num conjunto de letras, no qual ao menos o falante nativo da língua imediatamente reconhece a palavra em questão, por fazerem essas letras parte de sua constituição gráfica. Em nosso *corpus* identificamos as seguintes abreviaturas: *N* (não), *q* (que), *tb/tmb* (também), *vc* (você), *hj*

(hoje), *blz* (beleza, na expressão “tudo beleza!”), *tc* (teclar), *td* (tudo), *pq* (porque), *kd* (cadê), *msg* (mensagem), *qdo* (quando), *qm* (quem), *qq* (qualquer). Neste processo existe só uma regra, praticamente sem exceção: as abreviaturas são formadas pelas consoantes iniciais das sílabas da palavra que representam. Fogem a esta regra uma única ocorrência de *tmb* para *também* e de *qdo* para *quando*. Registre-se ainda que é muito pequeno o conjunto de palavras que assim aparecem abreviadas e todas elas de uso extremamente corrente na CFF ou na CINT, como é o caso de *tc* e *msg*.

Finalmente queremos lembrar o leitor que não nos ocuparemos neste trabalho de alguns recursos icônicos mais ou menos codificados, chamados de “caracteretas”, dos quais os interlocutores se valem para geralmente transmitir alguns estados de espírito. Não os consideramos, principalmente porque, por sua natureza, não entram na relação fala e escrita que aqui estamos fazendo. Além disso, parece haver algumas instabilidades no que respeita à universalidade de sua codificação.

7. Considerações finais

Foi nosso objetivo neste trabalho caracterizar a CINT, comparando-a com a CFF, tendo como principal referência de comparação o fato de que a primeira é um texto conceptualmente falado, mas compulsoriamente realizado por escrito.

Inicialmente procuramos situar a CINT no *continuum* em que se distribuem os gêneros de textos escritos correlacionados com os de textos falados. Vimos que em relação ao texto escrito prototípico (artigo científico, documento oficial), o texto da CINT situa-se, por suas condições de comunicação e estratégias de formulação, no extremo oposto do referido *continuum*. Por essas razões, ele se afina muito mais com o texto falado prototípico (conversação espontânea, conversação telefônica) do que com o correspondente escrito.

O que mais aproxima a CINT da CFF é, indiscutivelmente, a natureza processual e dinâmica daquela, decorrente da interatividade dos interlocutores em tempo real. Esse caráter vai-se manifestar nas diferentes estratégias de formulação de seus enunciados, as quais, em grande parte, se identificam com as da CFF.

É evidente que fato de a CINT ter de se realizar por escrito e estar limitada ao que se pode fazer por meio do computador lhe dá características próprias. Não vão nela ocorrer manifestações específicas da interação face a face difíceis ou impossíveis de serem

representadas na escrita. Também não se explicitam procedimentos de correção, por exemplo, uma vez que as condições de produção dos turnos e os recursos técnicos da máquina permitem o apagamento de eventuais “erros”. Esse aspecto mostra que, ao contrário do que acontece com a CFF, no texto da CINT podem ser apagados traços de seu *status nascendi*, o que o põe em rota de aproximação com o texto-produto, conforme é concebido o texto escrito prototípico.

Também a alternância de turnos tem características muito próprias na CINT, destacando-se, particularmente, a absoluta impossibilidade do assalto ao turno, excluindo desse tipo de conversação uma das marcas mais evidentes da CFF: a negociação. A alocação de turnos na CINT é rigorosamente ditada pelos limites do meio eletrônico em que ocorre a interação.

Em síntese, o que efetivamente marca a construção do texto da CINT é a interatividade. Os interlocutores querem interagir. E como a interação, na sua forma mais completa e eficaz, acontece em situação face a face, eles, vendo-se compelidos a escrever, investem toda a criatividade para atribuir a essa manifestação escrita as marcas da CFF. Isso nos leva a dizer com MEISE-KUHN (1998:234) que a CINT revela um crescente processo de **re-oralização**. Os interactantes, uma vez garantida a eficiência comunicativa da interação, tendem a livrar-se das coerções da codificação da língua escrita, recodificando-a em favor de uma interatividade possível por meio da manifestação escrita. É à luz da re-oralização que se explicam, por exemplo, o recurso a longas seqüências de sinais de pontos de exclamação e de interrogação e também os sinais icônicos, conhecidos como caracteretas. É de se esperar que a criatividade dos interlocutores e próprio desenvolvimento tecnológico no âmbito das interações por computador vá desenvolver ainda muito mais a oralização da escrita em busca de interatividade cada vez mais intensa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTOS, Gerd. *Grundlagen einer Theorie des Formulierens*. Tübingen: Max Niemeyer, 1982.
- BERGMANN, Jörg R. Ethnomethodologische Konversationsanalyse. In: SCHRÖDER, P. e STEGER, H. (orgs.). *Dialogforschung*. Düsseldorf: Schwann, 1981, p. 9-51.

- BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *Le français parlé: études grammaticales*. Paris: CNRS, 1990.
- CASTILHO, Ataliba T. de. e PRETI, Dino (orgs.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T. A. Queiroz/Fapesp, 1987.
- GÜLICH, Elisabeth e KOTSCHI, Thomas. Discourse production in oral communication. In: QUASTHOFF, Uta. M. *Aspects of oral communication*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1995.
- GÜLICH, Elisabeth e KOTSCHI, Thomas. Procédés d'évaluation et de commentaire métadiscursifs comme stratégies interactives. *Cahiers de linguistique française*, 7: 207-230, 1986.
- GÜLICH, Elisabeth e KOTSCHI, Thomas. Textherstellungsverfahren in mündlicher Kommunikation. In: MOTSCH, Wolfgang (org.). *Ebenen der Textstruktur*. Tübingen: Max Niemeyer, 1996, p. 37 – 80.
- GÜLICH, Elisabeth. Formulierungsarbeit im Gespräch. In: CMEJRKOVÁ, Svetla; DANES, Frantisek & HAVLOVÁ, Eva. *Writing X Speaking: language, text, discourse, communication*. Tübingen: Günter Narr, 1994, p. 77- 95.
- HENNE, Helmut e REHBOCK, Helmut. *Einführung in die Gesprächsanalyse*, 3. ed. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1995.
- HILGERT, José Gaston. *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre informante e documentador*. Passo Fundo/Porto Alegre: Universidade de Passo Fundo/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1997.
- HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino. *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.
- KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. Funktionale Aspekte der Schriftkultur. In: GÜNTHER, Hartmut & LUDWIG, Otto (org.). *Schrift und Schriftlichkeit*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1994, p. 587-604.
- KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. *Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch*. Tübingen: Max Niemeyer, 1990.
- KOCH, Peter & OESTERREICHER, Wulf. Sprache de Nähe – Sprache der Distanz: Mundlichkeit und Schriftlichkeit im Spannungsfeld von Sprachtheorie und

- Sprachgeschichte. In: DEUTSCHMANN, Olaf et al. (orgs.). *Romanistisches Jahrbuch*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e escrita. *Signótica: Revista do Mestrado em Letras e Lingüística*. Goiânia: UFGO, 9: 119-145, 1997.
- MEISE-KUHN, Katrin. Zwischen Mündlichkeit und Schriftlichkeit: sprachliche und konversationelle Verfahren in der Computerkommunikation. In: BROCK, Alexander & HARTUNG, Martin (org.). *Neuere Entwicklungen in der Gesprächsforschung*. Tübingen: Günter Narr, 1998, p. 213 – 235.
- MURRAY, Denise E. The context of oral and written language: a framework for mode and medium switching. *Language in society*. Londres: Cambridge University Press, 17: 351-373, 1988.
- MURRAY, Denise E. When the medium determines turns: turn-taking in computer conversation. In: COLEMAN (ed.). *Working with language*. Berlin/New York: Mouton De Gruyter, 1989, p. 319-337.
- RATH, Reiner. *Kommunikationspraxis: Analysen zur Textbildung und Textgliederung im gesprochenen Deutsch*. Göttingen: Vandenhoeck e Ruprecht, 1979.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel e JEFFERSON, Gail. A simplest systematics for the organization of turn taking for conversation. *Language*, 50: 696-735.
- WAHMHOFF, Sibylle. Die Funktion der Paraphrasen in gresprächpsychotherapeutischen Beratungen. *Deustsche Sprache*, 2: 97-118, 1981.